

## Referências bibliográficas

ADAUTO, N. (Org.) **Anos 70 – Ainda sob a tempestade**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2005.

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AFLALO, R. **Palestra no Instituto do Desenho Avançado - IDEA** Disponível em: <<http://www.idea.org.br/programas/37.htm>> Acesso em: 18 abr. 2006.

ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre análise fílmica**. Campinas SP: Papyrus, 1994.

ATHAYDE, P. **Brown, o mano charada**. Carta Capital, São Paulo: Editora Confiança, Ano XI, n. 310, P. 10-17, set. 2004.

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

AUMONT, J. **A estética do filme**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BARROS, A. **Ave, César!** Playboy, n 309, P. 128-132, abril de 2001.

BARROS, J. **A morte do coronel**. Caros Amigos. Ano X, n. 115, P. 19-23, out. 2006.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Efeito de Real**. In: O Rumor da Língua, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Edições 70, 1981.

\_\_\_\_\_. **O Sistema dos objetos**. São Paulo, Perspectiva, 1997.

BAUMAN, Z. **Globalização: conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BENJAMIN, W. **Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

\_\_\_\_\_. **O narrador**. In: Os Pensadores. Textos Escolhidos: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno e Jurguen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

- BERNARDET, J.C. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BILL, M.V.; ATHAYDE, C.; SOARES, E.L. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. Prefácio e capítulos 1 e 2.
- BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRITTOS, V.C.; BOLAÑO, C.R.S. (Orgs.) **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus: 2005.
- BUCCI, E.; KEHEL, M.R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BURCH, N. **Práxis do cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- BURKE, P. **O que é a história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAROS AMIGOS ESPECIAL. **O movimento hip-hop: a periferia mostra seu magnífico rosto**. São Paulo, Editora Casa Amarela, n. 03.
- CARVALHO, C.C. **Carandiru: um filme de Hector Babenco**. São Paulo: Widepublishing, 2003.
- CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V.R. (Orgs.), **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.
- CHARTIER, R. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988. Introdução e Capítulo 1.
- \_\_\_\_\_. **À beira da falésia: história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002. Introdução e 1ª parte.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS – OEA, relatório n. 34/00, caso 11,291 (Carandiru), Brasil, 13 de abril de 2000. Disponível em: <[www.cidh.org/annualrep/99port/Brasil11291.htm](http://www.cidh.org/annualrep/99port/Brasil11291.htm)> Acesso em 13 set. 2006.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEXTER. **Entrevistão**. Revista MTV. São Paulo, n 49, jun 2005, P. 68-75. Entrevista.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**. Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Perspectiva: 2001.

EDIÇÃO EXTRA CAROS AMIGOS. **PCC: História da facção. O Perfil de Marcola, o líder. A posição do governo. A vida nos presídios**. São Paulo, Editora Casa Amarela, ano X, n 28, maio de 2006.

EISENSTEIN S. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

\_\_\_\_\_. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FERNANDES, L. **A periferia está no ar. Brasil, mostra a tua cara**. Jornal O Globo, Revista da TV, P. 10-11, 17, dez. 2006.

FERREIRA, M. de Moraes e AMADO, J. (Orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV: 2005.

FIGUEIREDO, F.L.V. **Canibalismos recíprocos: literatura, cinema e cultura de massa**. In: Semear 9, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004.

\_\_\_\_\_. **Crise da narrativa e ilusionismo verbal**. In: Semear 7 [online], Rio de Janeiro: Instituto Camões, PUC-Rio, 2002. Disponível na World Wide Web: [http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/7Sem\\_17.html](http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/7Sem_17.html)

\_\_\_\_\_. **Narrativas paranóicas e o mal-estar da interpretação**. In: Comunicação, Representação e Práticas Sociais. PEREIRA, M., GOMES, C. R., FIGUEIREDO, F. L. V., (Org.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004.

FIORI, J. L. **60 Lições dos 90**. Uma Década de Neoliberalismo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOLHA ONLINE. **Bin Laden, da FIFA, dirige último jogo de futebol no Carandiru Net**. Folha de S. Paulo, 08 set. 2002. Seção Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u58622.shtml>> Acesso em: 15 out. 2006.

FOLHA ONLINE. **Corpo do rapper Sabotage será enterrado na zona sul de SP**. Net. Folha de S. Paulo, 25 jan. 2003. Seção Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u67462.shtml>> Acesso em: 15 out. 2006.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1998.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir - História da Violência nas Prisões**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GARFUNKEL, P. e MALAVOGLIA, L. **O Vira-lata – Amigo é prá essas coisas**, nº 1. Supervisão científica de Drauzio Varella. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre AIDS da Universidade Paulista/Objetivo (UNIP), 199?.

\_\_\_\_\_. **O Vira-lata – Pé na estrada**. nº 2. Supervisão científica de Drauzio Varella. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre AIDS da Universidade Paulista/Objetivo (UNIP), 199-?.

\_\_\_\_\_. **O Vira-lata – Rabo de saia**. nº 3. Supervisão científica de Drauzio Varella. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre AIDS da Universidade Paulista/Objetivo (UNIP), 199-?.

\_\_\_\_\_. **O Vira-lata – A princesa e o poeta**. nº 5. Supervisão científica de Drauzio Varella. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre AIDS da Universidade Paulista/Objetivo (UNIP), 199-?.

\_\_\_\_\_. **O Vira-lata – Armadilha**. nº 6. Supervisão científica de Drauzio Varella. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre AIDS da Universidade Paulista/Objetivo (UNIP), 199-?.

\_\_\_\_\_. **O Vira-lata – Bem na fita!** nº 7. Supervisão científica de Drauzio Varella. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre AIDS da Universidade Paulista/Objetivo (UNIP), 199-?.

GIRON, L. A. **Vozes da prisão. Pena de sangue**. Cult, São Paulo: Editora 17, n. 59, P. 34-44, jul. 2002.

GOFF, J. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG. 2003.

HARVEY, D. **Condição pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HOBSBAWN, E. **Sobre história – Ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Capítulo 6.

HUYSSSEN, A. **Memórias do modernismo**, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Ed Aeroplano, 2004.

HUNT, L. **A Nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes: 2001.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**, SP: Ática, 2002.

JOCENIR. **Diário de um detento: o livro**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

KOGUT, P. **Doutor Fantástico. Ele é o cara**. O Globo – Revista, Ano 2, n. 120, P. 24-29, 12 nov. 2006.

LEACH, E. **Cultura e Comunicação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

LINS, C. **O documentário de Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo.** Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Parte I, capítulo 2, e parte II, capítulo 2.

MATTELART, A. e M. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **Abordagem antropológica para avaliação de políticas sociais.** Rev. Saúde Pública. [online]. June 1991, vol.25, no.3 [cited 25 July 2006], p.233-238. Acessível na Internet em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101991000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101991000300012&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0034-8910.

MORAIS, D. (org.) **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro, Mauad, 2006.

MORRIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose e necrose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MOURÃ, M.D.G.; LABAKI, A. (Org.). **O cinema do real.** São Paulo: Cosac & Naif, 2005.

NESTROVSKI, A.; SELINGMANN-SILVA, M. (Orgs.) **Catástrofe e Representação.** São Paulo: Escuta, 2000.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário.** São Paulo: Papyrus, 2005.

ORTIZ, R. **Mundialização da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **A moderna tradição brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

PELIEGRINE, T. (Org.) **Literatura, cinema e televisão.** São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

PRESS-RELEASE do filme *Carandiru*.

RAMONET, I. **Geopolítica do caos.** Petrópolis: Vozes, 1998.

ROUANET, S.P. **As razões do iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SACRAMENTO, P., RAULINO, A. Debate na Sessão Cineclube, Cine Odeon BR, 14 de abril de 2004, promovido pelo Grupo Estação e pela Revista Contracampo. Mediado por Rui Gardner e Eduardo Valente. Disponível em <<http://www.contracampo.com.br/59/entrevistapaulosacramento.htm>> Acesso em 21 set. 2006.

SANCHES, A. **A grife periferia.** Carta Capital, São Paulo: Editora Confiança, Ano XIII, n. 418, P. 50-52, 8 nov. 2006

SANTIAGO, S. **Vale quanto pesa.** Ensaio sobre questões político-culturais. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-Moderna,** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

SILVA, A. **Imaginários urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STAM, R. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

STEFANELLI, R. **A história do massacre do século**. Net. Reportagens publicadas no jornal Zero Hora entre 18 e 22 de janeiro de 2002, disponibilizadas no Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd050398.htm>> Acesso em: 09 jan. 2006.

TERRANOVA, F. **1001 noites no Carandiru**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

THOMPSON, E.P. **Peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

VARELLA, D. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **O desmistificador**. As grandes entrevistas de Caros Amigos. São Paulo, n. 2, 02 fev. 2001. P. 20-29. Entrevista.

\_\_\_\_\_. *et al.* **High prevalence of hepatitis C infection in a Brazilian prison: identification of risk factors for infection**. *Braz J Infect Dis*. [online]. 2001, vol. 5, no. 3 [cited 2006-08-14], pp. 111-118. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-86702001000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-86702001000300002&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 1413-8670. doi: 10.1590/S1413-86702001000300002.

VILELA, C. **Cartas de presos e familiares mostram dor dentro e fora do Carandiru**. Net. Folha de S. Paulo, 28 set. 2002. Seção Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u59975.shtml>> Acesso em: 15 out. 2006.

WACQUANT, L. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WAINER, J. **Monarca do Carandiru vende água na rua**. Net. Folha de S. Paulo, abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u119982.shtml>> Acesso em: 15 out. 2006.

WOOD, E.M.; FOSTER, J.B. **Em defesa da história** – Marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

XAVIER, I. (org.) **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ZENI, B. (org.) **Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.

#### **Documentos audiovisuais:**

**Carandiru**. Direção: Hector Babenco. Roteiro: Victor Navas, Fernando Bonassi e Hector Babenco. Elenco: Rodrigo Santoro, Milton Gonçalves, Luiz Carlos Vasconcelos, Maria Luiza Mendonça e Caio Blat. Brasil. HB Filmes e Globo Filmes, 2003. DVD, 147 min.

**Carandiru, outras histórias.** Direção geral: Hector Babenco. Direção de episódios: Hector Babenco, Roberto Gervitz, Walter Carvalho, e Marcia faria. Produtores: Fabiano Gullane e Eliana Soárez. Roteiros: Hector Babenco, Victor Navas, Fernando Bonassi, Drauzio Varella e Jefferson Peixoto. HB Filmes e Rede Globo, Brasil, 2005.

**Carandiru.doc.** Direção: Rita Buzzar. Nexuscinema, Brasil, 2003. DVD, 55 min.

**Divinéia.** Direção de Coreografia: Jorge Garcia. Diretora artística: Mônica Mion. Balé da Cidade de São Paulo, Brasil, 2001. DVD, 40 min.

**Prisioneiro da grade de ferro – auto-retratos, O.** Direção: Paulo Sacramento. Olhos de Cão, Brasil, 2003. DVD, 124 min.

**Travessias do Tempo.** Direção: Dorrit Harazin. Brasil, 2002. DVD.

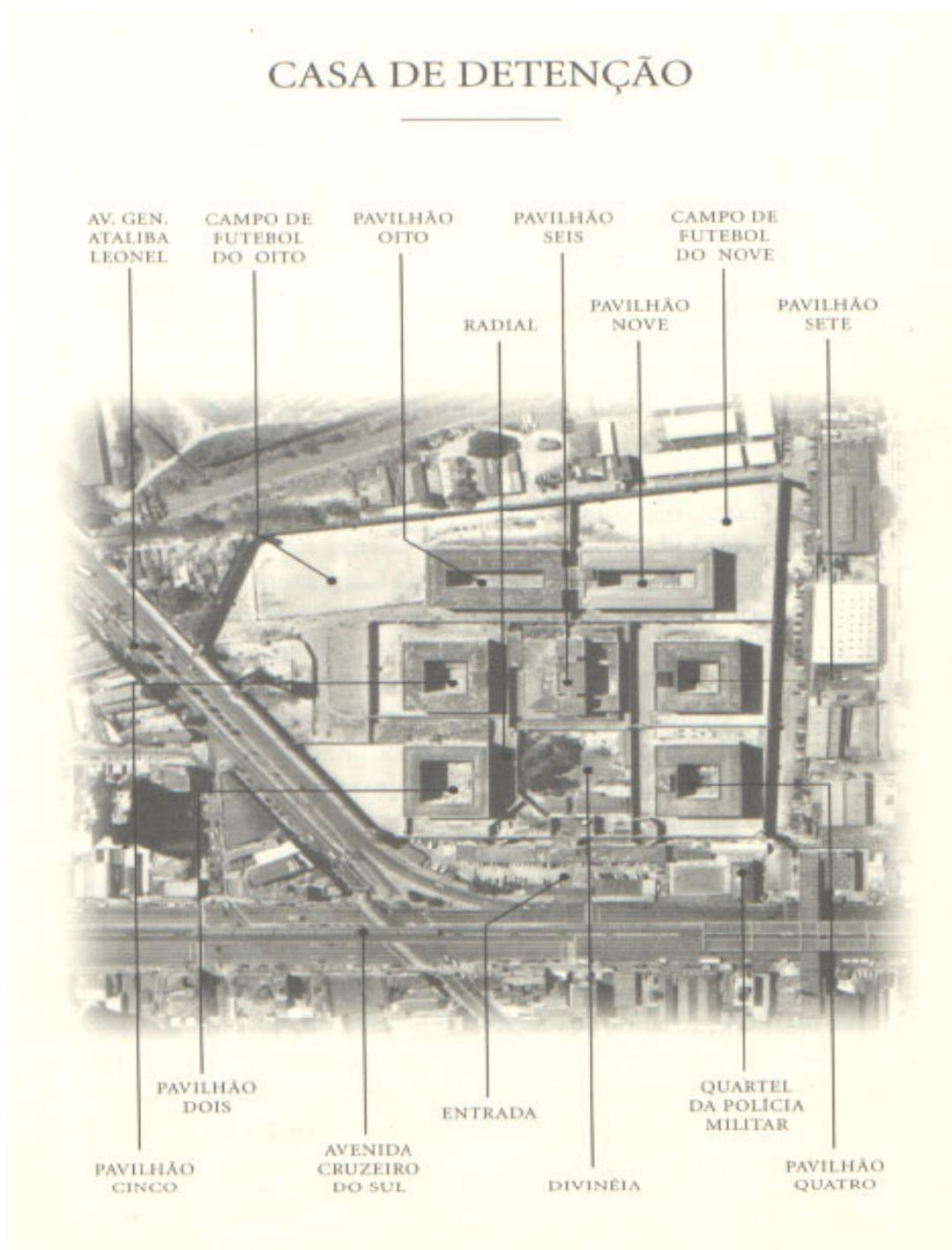
#### Documento sonoro:

**Carandiru.** Peça de teatro radiofônico. Direção: Kate Rowland. Tradução de *Estação Carandiru*: Paul Heritage. Adaptação: Jeff Young. Produção: BBC de Londres - People Palace Projects - PPP, Brasil, 2002. CD, 78 min.

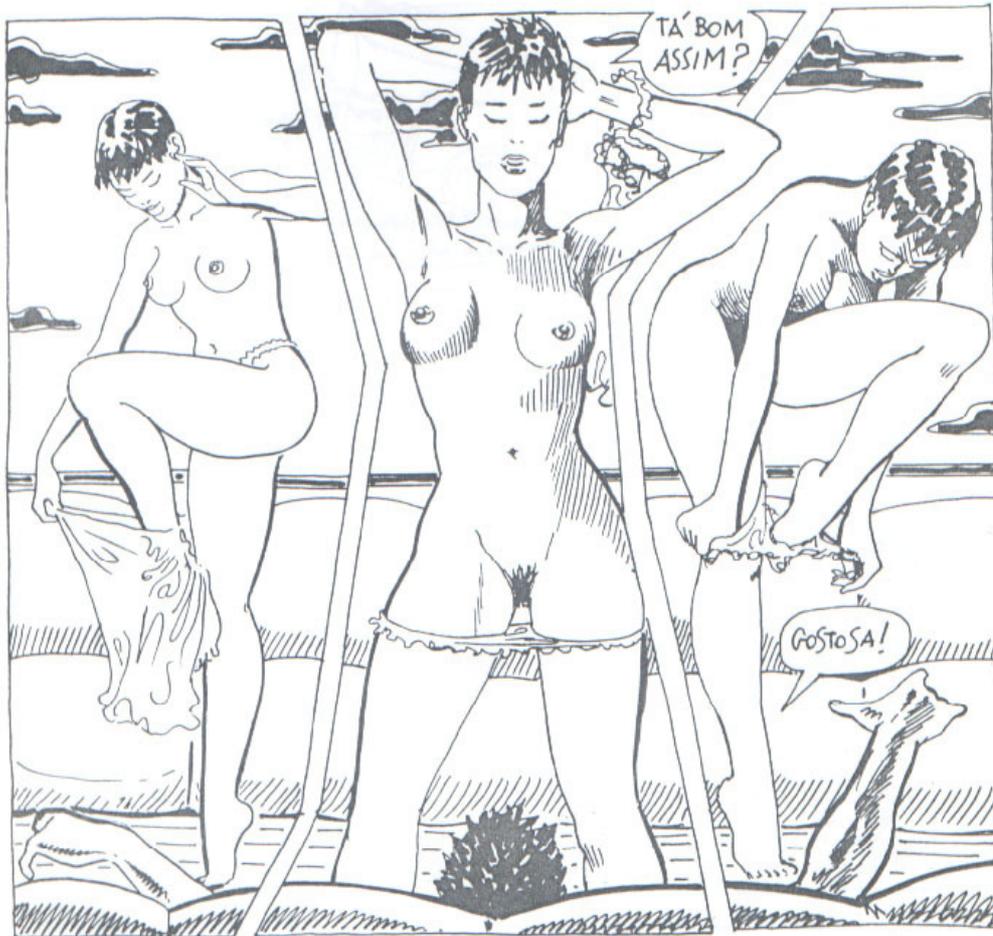
#### Sites:

<<http://www.drauziovarella.com.br/carandiru/index.html>>  
 <<http://www.sap.sp.gov.br>>  
 <<http://www.folha.com.br>>  
 <<http://www.oglobo.com.br>>  
 <<http://www.investarte.com.br>>  
 <<http://cemporcentoskate.uol.com.br>>  
 <<http://revistatrip.uol.com.br/>>  
 <[www.livrariacultura.com.br](http://www.livrariacultura.com.br)>  
 <<http://cf.uol.com.br/cinemascopio/>>  
 <<http://www.coronelubiratan.com.br>>  
 <<http://revistamarieclaire.globo.com>>  
 <<http://www.estadao.com.br>>  
 <<http://www.portaldafamilia.org>>  
 <<http://www.teledramaturgia.com.br/carandiru.htm>>  
 <<http://www.prisioneiro.com.br>>

## Anexos







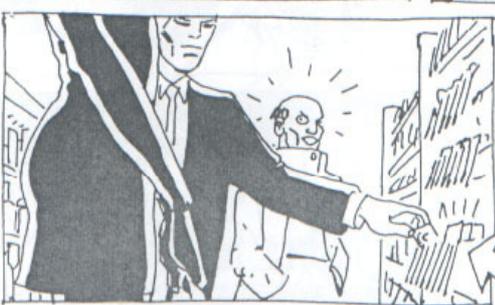
A CIDADE FICOU PRA TRÁS. ENTRAMOS NUMA ESTRADA SECUNDÁRIA. COM O VENTO NA CARA E NINGUÉM NOS CALCANHARES, RELAXO UM POUCO



VAMOS PARAR PRA FAZER UMAS COMPRAS



MULHER É FODA! EM DEZ MINUTOS VIROU O MERCADO DO AVESO



A PRIMEIRA COISA, É A CAMISINHA. O LUBRIFICANTE TEM QUE SER A BASE DE ÁGUA (VASELINA NÃO SERVE)



ELA PEGA UM LUBRIFICANTE E SORRI MALICIOSA



## O FUTEBOL

No Brás, bairro onde eu nasci, ninguém tinha TV em casa, em 1950. As primeiras televisões estavam chegando no Brasil e custavam caro. Eu escutava no rádio todos os jogos do São Paulo, e até os do Corinthians e do Palmeiras.

Uma vez, meu tio Odílio, irmão mais velho do meu pai, prometeu me levar ao Pacaembu para ver o São Paulo se eu me portasse bem. Virei santo naquela semana de espera interminável. Sábado depois do almoço ele veio me buscar; eu já estava pronto desde as onze da manhã. A rua inteira sabia que eu ia assistir a São Paulo versus Nacional, um time fraco escolhido a dedo pelo tio para não desiludir meu coração são-paulino.

Gostei do amendoim embrulhado em canudo de papel, achei lindo o verde do gramado, as cores dos uniformes e o estrondo dos foguetes, mas os jogadores me decepcionaram um pouco apesar de ganharem por dois a zero. No rádio, o jogo era mais emocionante: "Leônidas mata no peito, baixa na terra, passa por um, por dois, invade a área, fulmina, e é goool!" Na imaginação infantil, aquele homem que matava no peito, invadia e fulminava, tinha superpoderes. O gol do locutor reverberava em meus ouvidos, longo, interminável: gol do São Paulo! Quanta alegria! No campo era menos emocionante, os jogadores de carne e osso erravam passes, chutavam para fora e perdiam gol cara a cara, como meus amigos e eu nas partidas em frente à fábrica.

Então veio a Copa do Mundo de 1950 e o Brasil foi para a final com o Uruguai, no Maracanã. O país parou naquele domingo de sol e, com ele, o Brás. Eu tinha sete anos; almocei e fui encontrar meu primo Flávio, para ouvirmos a irradiação da partida no armazém Simões, que os irmãos Lauro, Laurindo e Laurentino herdaram do pai, na esquina da Henrique Dias.

Escutei a irradiação sentado numa pilha de sacos de arroz, todo importante, ao lado dos moços no balcão. O Brasil marcou primeiro: gol de Friaça, ponta direita do São Paulo. No segundo tempo o Uruguai empatou mas não abalou os que estavam ali, certos de que seríamos campeões mundiais pela primeira vez. Os fogos para a comemoração já aguardavam no canto, ao lado de um balão-estrela verde e amarelo decorado com o nome dos jogadores.

O desastre veio pelos pés do uruguaio Gighia, autor do segundo gol. O armazém ficou mudo, apenas o cheiro de saco de mantimento no ar. A voz do locutor perdeu o brilho melancólica:

— Está encerrada a peleja no Maracanã. Uruguai, campeão do mundo!

Ficaram todos de cabeça baixa por tanto tempo, que parecia brincadeira de "como está, fica". Em silêncio, depois, saíram desolados; alguns com lágrimas nos olhos. O Caçapa deu um murro estrondoso na porta do armazém e foi confortado pelo seu Albino. Esse seu Albino era um português com barriga d'água que meu tio médico periodicamente esvaziava com uma seringa enorme; o líquido amarelo que saía meu tio despejava no pinico, em baixo da cama.

Encostado na carroceria de um caminhão com a cabeça apoiada no braço direito, o Isidoro soluçava feito criança. Era a primeira vez que eu via homem chorar sem ninguém ter morrido.

Dr. Drauzio Varella  
Médico-voluntário da  
Casa de Detenção

# AIDS : ASSIM PEGA



**AIDS PASSA DO HOMEM  
PRA MULHER.  
AIDS PASSA DA MULHER  
PRO HOMEM.**

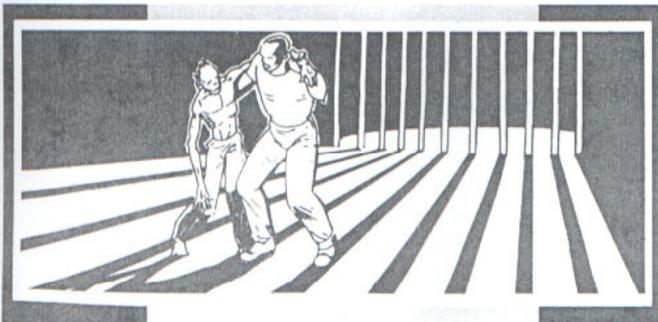
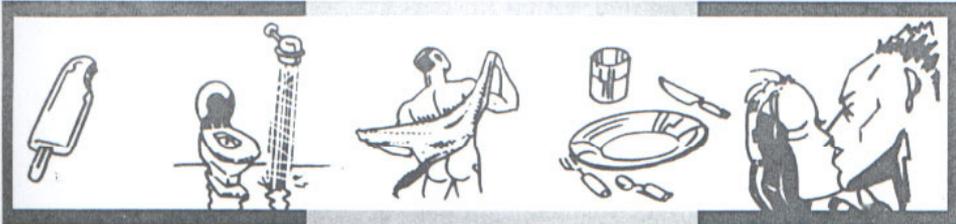


AIDS PASSA PRA LÁ E  
PASSA PRA CÁ.  
VÍRUS NÃO RECONHECE  
MACHEZA



QUEM TOMA BAQUE NA  
VEIA VAI PEGAR O VÍRUS.  
SE NÃO É HOJE VAI SER  
AMANHÃ OU DAQUI A SEIS  
MESES.

# ASSIM NÃO PEGA



## Haiti

Composição: Caetano Veloso e Gilberto Gil

Quando você for convidado pra subir no adro  
 Da fundação casa de Jorge Amado  
 Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos  
 Dando porrada na nuca de malandros pretos  
 De ladrões mulatos e outros quase brancos  
 Tratados como pretos  
 Só pra mostrar aos outros quase pretos  
 (E são quase todos pretos)  
 E aos quase brancos pobres como pretos  
 Como é que pretos, pobres e mulatos  
 E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados  
 E não importa se os olhos do mundo inteiro  
 Possam estar por um momento voltados para o largo  
 Onde os escravos eram castigados  
 E hoje um batuque um batuque  
 Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária  
 Em dia de parada  
 E a grandeza épica de um povo em formação  
 Nos atrai, nos deslumbra e estimula  
 Não importa nada:  
 Nem o traço do sobrado  
 Nem a lente do fantástico,  
 Nem o disco de Paul Simon  
 Ninguém, ninguém é cidadão  
 Se você for a festa do pelô, e se você não for  
 Pense no Haiti, reze pelo Haiti  
 O Haiti é aqui  
 O Haiti não é aqui  
 E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado  
 Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer, qualquer  
 Plano de educação que pareça fácil  
 Que pareça fácil e rápido  
 E vá representar uma ameaça de democratização  
 Do ensino do primeiro grau  
 E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital  
 E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto  
 E nenhum no marginal  
 E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual  
 Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um saco  
 Brilhante de lixo do Leblon  
 E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo  
 Diante da chacina  
 111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos  
 Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres  
 E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos

E quando você for dar uma volta no Caribe  
E quando for trepar sem camisinha  
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba  
Pense no Haiti, reze pelo Haiti  
O Haiti é aqui  
O Haiti não é aqui

## Manifest

Sepultura

Composição: Sepultura

Friday, October 2nd, 1992  
 Chaos has descended in "Carandiru"  
 The biggest penitentiary complex in  
 South America  
 Over a hundred inmates dead and  
 Hundreds injured on the massacre  
 The police arrived with helicopters  
 And over two hundred armed forces

They took the jail block  
 Called "Pavilhão nove"  
 And opened fire on the inmates  
 In a holocaust, method of  
 Annihilation, the government of the city  
 Of São Paulo cannot control  
 The brutality of its police

Holocaust, body piles  
 Confrontation, mutilation  
 Discipline, ignorance  
 Conflagration, torture

Over eighty percent of the inmates were  
 Not sentenced yet, the bodies were filled  
 With bullets and bites from the police dogs  
 The police try to hide the massacre saying  
 There were only eight deaths...

The violence of Brazilian cops is very well  
 Known outside of Brazil, this kind of  
 Extermination is a method that they use to  
 Get rid of the over population in the jails  
 The violence of the cops left the whole  
 Pavilion destroyed after the rebellion

## Diário De Um Detento

Racionais MC's

Composição: Jocenir e Mano Brown

São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã.  
 Aqui estou, mais um dia.  
 Sob o olhar sanguinário do vigia.  
 Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de  
 uma HK.  
 Metralhadora alemã ou de Israel.  
 Estrçalha ladrão que nem papel.  
 Na muralha, em pé, mais um cidadão José.  
 Servindo o Estado, um PM bom.  
 Passa fome, metido a Charles Bronson.  
 Ele sabe o que eu desejo.  
 Sabe o que eu penso.  
 O dia tá chuvoso. O clima tá tenso.  
 Vários tentaram fugir, eu também quero.  
 Mas de um a cem, a minha chance é zero.  
 Será que Deus ouviu minha oração?  
 Será que o juiz aceitou a apelação?  
 Mando um recado lá pro meu irmão:  
 Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão.  
 Ele ainda tá com aquela mina.  
 Pode crer, moleque é gente fina.  
 Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá...  
 Tanto faz, os dias são iguais.  
 Acendo um cigarro, vejo o dia passar.  
 Mato o tempo pra ele não me matar.  
 Homem é homem, mulher é mulher.  
 Estuprador é diferente, né?  
 Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés,  
 e sangra até morrer na rua 10.  
 Cada detento uma mãe, uma crença.  
 Cada crime uma sentença.  
 Cada sentença um motivo, uma história de lágrima,  
 sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio,  
 sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo.  
 Misture bem essa química.  
 Pronto: eis um novo detento  
 Lamentos no corredor, na cela, no pátio.  
 Ao redor do campo, em todos os cantos.  
 Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã...  
 Aqui não tem santo.  
 Rátátátá... preciso evitar  
 que um safado faça minha mãe chorar.  
 Minha palavra de honra me protege

pra viver no país das calças bege.  
 Tic, tac, ainda é 9h40.  
 O relógio da cadeia anda em câmera lenta.  
 Ratatata, mais um metrô vai passar.  
 Com gente de bem, apressada, católica.  
 Lendo jornal, satisfeita, hipócrita.  
 Com raiva por dentro, a caminho do Centro.  
 Olhando pra cá, curiosos, é lógico.  
 Não, não é não, não é o zoológico  
 Minha vida não tem tanto valor  
 quanto seu celular, seu computador.  
 Hoje, tá difícil, não saiu o sol.  
 Hoje não tem visita, não tem futebol.  
 Alguns companheiros têm a mente mais fraca.  
 Não suportam o tédio, arruma quiaca.  
 Graças a Deus e à Virgem Maria.  
 Faltam só um ano, três meses e uns dias.  
 Tem uma cela lá em cima fechada.  
 Desde terça-feira ninguém abre pra nada.  
 Só o cheiro de morte e Pinho Sol.  
 Um preso se enforcou com o lençol.  
 Qual que foi? Quem sabe? Não conta.  
 Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta (...)  
 Nada deixa um homem mais doente  
 que o abandono dos parentes.  
 Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?  
 A vaga tá lá esperando você.  
 Pega todos seus artigos importados.  
 Seu currículo no crime e limpa o rabo.  
 A vida bandida é sem futuro.  
 Sua cara fica branca desse lado do muro.  
 Já ouviu falar de Lúcifer?  
 Que veio do Inferno com moral.  
 Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um.  
 Comendo rango azedo com pneumonia...  
 Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros,  
 Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela,  
 Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis.  
 Ladrão sangue bom tem moral na quebrada.  
 Mas pro Estado é só um número, mais nada.  
 Nove pavilhões, sete mil homens.  
 Que custam trezentos reais por mês, cada.  
 Na última visita, o neguinho veio aí.  
 Trouxe umas frutas, Marlboro, Free...  
 Ligou que um pilantra lá da área voltou.  
 Com Kadett vermelho, placa de Salvador.  
 Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa  
 com uma nove milímetros embaixo da blusa.  
 Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?  
 Lembra desse cururu que tentou me matar?"

Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso.  
 Ficava muito doido e deixava a mina só.  
 A mina era virgem e ainda era menor.  
 Agora faz chupeta em troca de pó!"  
 Brown: "Esses papos me incomoda.  
 Se eu tô na rua é foda..."  
 Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."  
 Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí.  
 Eu quero mudar, eu quero sair.  
 Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum.  
 E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."  
 Amanheceu com sol, dois de outubro.  
 Tudo funcionando, limpeza, jumbo.  
 De madrugada eu senti um calafrio.  
 Não era do vento, não era do frio.  
 Acertos de conta tem quase todo dia.  
 Ia ter outra logo mais, eu sabia.  
 Lealdade é o que todo preso tenta.  
 Conseguir a paz, de forma violenta.  
 Se um salafrário sacanear alguém,  
 leva ponto na cara igual Frankenstein  
 Fumaça na janela, tem fogo na cela.  
 Fudeu, foi além, se pã!, tem refém.  
 Na maioria, se deixou envolver  
 por uns cinco ou seis que não têm nada a perder.  
 Dois ladrões considerados passaram a discutir.  
 Mas não imaginavam o que estaria por vir.  
 Traficantes, homicidas, estelionatários.  
 Uma maioria de moleque primário.  
 Era a brecha que o sistema queria.  
 Avise o IML, chegou o grande dia.  
 Depende do sim ou não de um só homem.  
 Que prefere ser neutro pelo telefone.  
 Ratatatá, caviar e champanhe.  
 Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!  
 Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo...  
 quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!  
 O ser humano é descartável no Brasil.  
 Como modess usado ou bombril.  
 Cadeia? Claro que o sistema não quis.  
 Esconde o que a novela não diz.  
 Ratatatá! sangue jorra como água.  
 Do ouvido, da boca e nariz.  
 O Senhor é meu pastor...  
 perdoe o que seu filho fez.  
 Morreu de brucos no salmo 23,  
 sem padre, sem repórter.  
 sem arma, sem socorro.  
 Vai pegar HIV na boca do cachorro.  
 Cadáveres no poço, no pátio interno.

Adolf Hitler sorri no inferno!  
O Robocop do governo é frio, não sente pena.  
Só ódio e ri como a hiena.  
Ratatata, Fleury e sua gangue  
vão nadar numa piscina de sangue.  
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?  
Dia 3 de outubro, diário de um detento.